

As formas verbais em roteiros franceses do século XVI

Rita Maria Ribeiro Bessa*

RESUMO

Os roteiros da *Carreira da Índia*, traduzidos em francês médio por J. H. van Linschoten, em *Le grand routier de mer* (1610), são fundamentais para os projetos de exploração das rotas marítimas para as Índias Orientais. As principais características do discurso destes roteiros são a orientação das rotas, descrições sobre os locais e sinais encontrados e, sobretudo, as advertências. Dentre os fatos linguísticos observados, são analisadas as formas verbais da língua francesa mais freqüentes no discurso dos roteiros. A compreensão de suas funções é feita a partir do conceito de temporalidade.

Palavras-chaves: roteiros de navegação do século XVI. discurso. dêixis. formas verbais.

ABSTRACT

The 16th century Portuguese itineraries to India was translated into Middle French (1610) by J. H. van Linschoten. These itineraries are basic for facilitating European Sea Expansion in the XVI Century to Oriental India. The French texts of the *Roteiros da Carreira da Índia* selected as a corpus of analysis were translated and published in *Le grand routier de mer* (1610). The discourse presents the routes to India and descriptions of the places and the signs found during the journey and involves many warnings and advice. From the linguistic facts found the relevance has been given to the function of verb forms. A new point of view may permit a new reading of these verbs marks. The theory of deixis will explain this facts.

Keywords: 16th century Portuguese itineraries. discourse. deixis. verb forms.

1. INTRODUÇÃO

Os textos dos roteiros de ida e de volta da *Carreira da Índia* escritos por pilotos portugueses e espanhóis e traduzidos por J. H. van Linschoten em língua francesa, integram a coletânea *Le grand routier de mer* (Linschot, 1619). Eles são uma fonte rica

* Doutora em Linguística Histórica. Professora Adjunta na Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia. Artigo escrito em dezembro de 2009.

em situações como orientação de rotas, descrição de lugares e sinais encontrados e advertências relatadas em 161 páginas na tradução francesa (Costa, 1960: 329).

Para a análise que aqui se propõe, foram selecionados *em Le grand routier de mer* os cinco roteiros traduzidos dos originais portugueses atribuídos ao piloto Diogo Afonso por serem considerados como o protótipo para os roteiros sucessivos da *Carreira da Índia*:

II - *Cours du Voyage des Indes, appointé par Diego Alfonso, Portugais Pilote du Roy*;

III - *Navigation du Cap das Correntes vers les Seches appellees Baixos de Judia, & dela a Moçambique*;

IV - *Navigation de Moçambique aux Indes*;

VIII - *Cours de la Navigation des Indes au Cap de Bonne Esperance, signé par un autre Pilote Portugis* [sic];

IX - *Navigation de Monte Delin montagne celebre en la coste de malabar, en Portugal*.

Desde os primeiros contatos com os textos franceses observou-se o elevado número de ocorrências de formas verbais pertencentes ao modo indicativo, mais especificamente ao *présent*, ao *futur simple*, seguidas, em número reduzido, de formas do *passé composé*. Registraram-se também e de maneira bastante expressiva, formas do *présent de l'impératif*. Tal fato conduziu ao questionamento sobre a função destas formas verbais no discurso francês destes roteiros. Percebeu-se que um tratamento teórico restrito ao conceito de tempo verbal de natureza puramente cronológica: presente, passado ou futuro, tal como é feito, comumente, pelas gramáticas tradicionais da língua francesa não atenderia à natureza dos fatos que estavam sendo observados. Optou-se assim, pela análise das formas verbais empregadas no *Le grand routier de mer* em uma perspectiva discursiva, onde o *agora* enunciativo é colocado como centro de organização dos acontecimentos e os fatos linguístico-discursivos são refletidos à luz do conceito de temporalidade. Serão apresentados estudos concernentes a esta noção, partindo dos pressupostos encontrados em E. Benveniste (2005) seguido do tratamento dado a este conceito por estudiosos da linguagem. Após este arcabouço teórico que elucida progressivamente o termo, opta-se para as análises de formas verbais extraídas do *Le grand routier de mer* pela teoria de H. Weinrich (1968) sobre a função das formas verbais na língua francesa. Esta perspectiva analítica amplia as possibilidades de

compreensão da noção de tempo que doravante é constituída a partir de um falante que age sobre a linguagem.

2. A noção de temporalidade

A noção de tempo no discurso não se reduz a divisões cronológicas: presente, passado ou futuro, tal como é feito, comumente, pelas gramáticas tradicionais da língua francesa. O tempo, na perspectiva discursiva, adotada para a análise de formas verbais encontradas no discurso dos roteiros selecionados em *Le grand routier de mer* revela a condição de intersubjetividade da comunicação lingüística (Benveniste, 1995:284-8). Suas divisões próprias são compreendidas nos atos de fala. Desta forma, ele se define e se orienta como função do discurso.

O conceito de temporalidade vai permitir que se torne mais clara a noção de tempo, visto que se trata de uma categoria dêitica, orientadora de situações no discurso lingüístico, seja em relação a um ponto central, denominado ponto de origem ou a outras situações.

E. Benveniste (1995:289), fala da expressão da temporalidade. Segundo ele, seja qual for o tipo de língua, existe uma organização lingüística da noção de tempo. Sempre é possível distinguir um passado e um futuro, separados pelo *presente*, como na língua francesa; ou um presente-passado oposto ao futuro, ou, ainda, um presente-futuro que se diferencia do passado, porém a referência será sempre o *presente*, que tem como referência temporal a coincidência do acontecimento descrito com a instância enunciativa. E. Benveniste (1995:277) mostra, assim, que o tempo do discurso está organicamente ligado ao exercício da fala: ele é gerado a partir da instância da enunciação, ou seja, dos atos cada vez únicos nos quais o sujeito utiliza e atualiza a língua.

Ao falar do *presente*, E. Benveniste (1995:289) diz que é a partir da enunciação que se instaura a categoria do *presente* e desta é que nasce a categoria do tempo. O *presente* é a fonte que gera o tempo. Ao invés de defini-lo como o tempo do verbo que expressa o momento em que se está, melhor seria concebê-lo como o instante em que se fala. Este passa a ser o momento eternamente *presente*, apesar de não se referir jamais aos mesmos acontecimentos, pois ele é determinado cada vez por aquele que fala para cada

uma das instâncias de discurso referidas. Desta forma, de experiência subjetiva, o tempo passa a se apresentar ancorado enunciativamente em um *eu* que é inseparável de um *agora* atemporal que significa o presente da instância enunciativa.

Para E. Benveniste (1995:289), o tempo do discurso não se encerra em uma divisão cronológica ou em uma subjetividade solipcista. Todas as variações do paradigma verbal: aspecto, tempo, gênero e pessoa resultam dessa atualização e dessa dependência em face da instância do discurso, principalmente o tempo do verbo, que é sempre relativo à instância na qual figura a forma verbal.

Esta noção de temporalidade é retomada por H. Weinrich (1968: 9-60), à qual acrescenta aquela de atualidade. Ao tratar das formas verbais, H. Weinrich (1968:42-51) emprega critérios que divergem daqueles apresentados, tradicionalmente, pelos gramáticos, para a estruturação do sistema temporal da língua francesa. Segundo ele, é inegável reconhecer a pertinência de determinados aspectos do paradigma temporal, como a divisão entre as formas verbais simples e compostas. Assim como o limite combinatório, nas orações complexas, determinado pela concordância dos tempos ou *consecutio temporum*. Porém estes são insuficientes para traduzir as possibilidades expressivas do falante.

Na sua teoria, diz ele que, em casos diversos do uso da língua, a concordância entre as formas verbais não segue as regras de costume; no entanto, não pode deixar de ser admitida pela gramática, pois o contexto no qual são empregadas a justifica. Sugere, então, que, ao se tratar das formas verbais, seja mantido o princípio da concordância entre elas, porém esta se fará de acordo com a situação que, na sua perspectiva, são duas, a *comentadora* e a *narradora*. A natureza do próprio ato de comentar, assim como de narrar, propiciará a formação de grupos de formas verbais afins. A fronteira que vai se estabelecer entre os dois grupos de formas verbais que caracterizam estas situações não é temporal no sentido cronológico, mas parte do conteúdo que elas irão expressar. Enquanto formadoras do grupo das narrativas do *mundo comentado* ou do *mundo narrado*, as formas verbais têm apenas estas funções.

A teoria de H. Weinrich (1968:55-6) para as funções das formas verbais na língua francesa adota, como suporte teórico, a perspectiva do *plano de atualidade* ou de *atitude temporal*. Ele cita, como seus norteadores, o estudo desenvolvido por J. Damourette e

E. Pichon acerca das formas verbais na língua francesa, assim como aquele apresentado por E. Benveniste.

Dentre os critérios apresentados por J. Damourette e E. Pichon, H. Weinrich mostra que aquele que se constitui como fundamental para explicar as formas verbais da língua francesa é o do *eixo de ação* ou *plano de atualidade*. Segundo ele, a partir deste critério, J. Damourette e E. Pichon distinguem duas séries de formas verbais que designam como pertencentes ao *noncal* (derivado do latim *nunc*) e ao *toncal* (derivado do latim *tunc*). A cada uma destas séries temporais corresponde uma atualidade ou esfera de ação, sendo a do *noncal*, que constitui o centro de interesse para a compreensão das formas verbais empregadas pelo sujeito em *Le grand routier de mer*, determinado pela coordenada *eu-aqui-agora*. O *toncal*, por sua vez, corresponde ao *não-agora*.

A partir deste referencial teórico, H. Weinrich (1968:61-94), ao estruturar o sistema temporal francês, divide as formas verbais em dois grupos temporais: o da narrativa do *mundo comentado*, cujo eixo norteador é o *eu-aqui-agora*, e o daquela do *mundo narrado*. As formas verbais pertencentes a cada um destes grupos passam a ser entendidas como detentoras de informações que expressam as atitudes do falante relativamente a uma referência no eixo de temporalidade que vai determinar o nível de atualidade do acontecimento relatado, conduzindo, assim, a uma melhor compreensão dos enunciados. Isto significa que serão atuais as formas verbais pertinentes ao momento da fala, cuja referência no eixo da temporalidade é o *agora* e que, segundo a classificação de H. Weinrich, apresentada acima, pertencem ao grupo das narrativas do *mundo comentado*; aquelas formas verbais que pertencem ao mundo do que foi dito e que se afastam do momento da fala, sem, contudo, deixar de estabelecer com esta uma relação indireta, são denominadas *inatuais*. Para H. Weinrich, se, até então, se buscou interpretar as formas verbais mediante o conceito de tempo cronológico, baseado em uma tripartição em passado, presente ou futuro, na sua proposta, ele convida a uma inversão de papéis, isto é, o tempo cronológico passa a ser compreendido a partir do tempo humano.

As formas verbais da língua francesa que pertencem ao grupo das narrativas do *mundo comentado* e que são regidas pelo *eu-aqui-agora* fazem parte do modo indicativo e são, em francês, segundo a teoria de H. Weinrich (1968:52):

Présent
Présent Continu
Futur Simple
Futur Proche
Futur Antérieur
Passé Composé
Passé Récent

Quadro 1 – Formas verbais da língua francesa pertencentes às narrativas do mundo comentado, segundo H. Weinrich

Esta estruturação do sistema de formas verbais francesas teve como precursora a proposta apresentada por E. Benveniste (1995:284), que foi quem estabeleceu, anteriormente, em uma nova perspectiva, os dois sistemas temporais na língua francesa, ambos disponíveis para o locutor, porém cada um manifestando um determinado plano de enunciação, aquele da história e o outro do discurso, que correspondem, na denominação de H. Weinrich (1968:61-94), às narrativas do *mundo narrado* e àquela do *mundo comentado*, respectivamente.

Na perspectiva proposta de reflexão sobre a noção de temporalidade e sobre a forma como os acontecimentos se organizam partindo do presente enunciativo – o agora, ou do não-agora, cabe percorrer alguns estudos que se sucederam.

No que concerne à noção de *presente*, G. Guillaume (1970:51-75) diz que o *presente* não coincide necessariamente com o presente verdadeiro. Na sua representação sobre o eixo temporal ou cronogenético, o *presente* apresenta dois recortes que vão separá-lo do passado e do futuro. O primeiro corte (ω), no âmbito do passado, traz uma parte deste

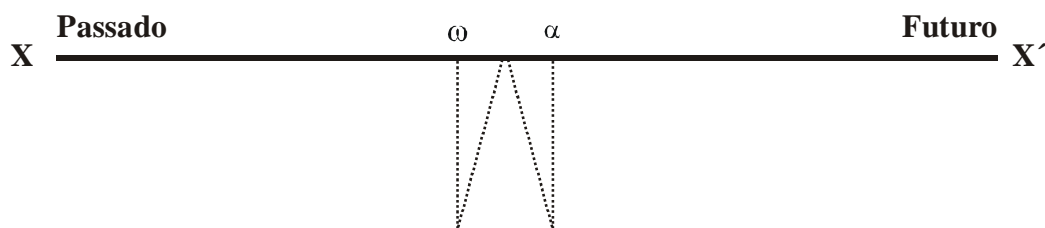


Fig. 1 – Características da imagem-tempo segundo G. Guillaume

passado, assim como o (α), do futuro, guarda uma parcela deste futuro. Desta forma, o presente passa a ser entendido como uma referência onde aparecem justapostos o instante que acaba de passar, e que existiu efetivamente, e aquele que vai ocorrer e que G. Guillaume chama de virtual. Na sua concepção do presente, estas duas parcelas temporais são inseparáveis e são representadas através de uma única forma verbal e não como duas formas que venham a se opor. O presente assim entendido passa a ser o lugar de uma incessante conversão do tempo, que traz na sua natureza as marcas de retrospectão ou de anterioridade e de prospecção ou de posterioridade.

Nas análises sobre a temporalidade, M. Molho (1975:195-222) incorpora-lhe a noção de pessoa, introduzida no campo referencial, tal como é feito por E. Benveniste. Segundo ele, o tempo do acontecimento pode se referir à pessoa, singularmente ao *eu* pensante, e o lugar ocupado pelo *eu* é o *presente*. Este momento é único, constituindo-se como a morada deste sujeito que se caracteriza, também, pela sua unicidade, frente a todas as outras representações pessoais. O *presente*, assim concebido, é visto, ao mesmo tempo, como o *antes* de uma posição ulteriormente ocupada e como o *depois* de uma posição anteriormente ocupada. Sendo assim, o *antes* e o *depois*, que correspondem ao caráter *retrospectivo e prospectivo* do *presente*, são solidários e se deixam perceber sob uma única forma verbal indissociável que é a do presente do indicativo. O pretérito e o não-pretérito se definem, apenas, em relação ao único lugar da duração que é o *presente* do ser que existe.

Uma consequência da inserção da pessoa no momento *presente* é estabelecer na anterioridade deste lugar ocupado por ela a representação de um pretérito antecedente, portador de acontecimentos que são restituídos pela memória e simultaneamente um não-pretérito subsequente que contém acontecimentos que são pertencentes à imaginação.

Ainda nessa perspectiva, E. Coseriu (1980:13-25) discorre sobre o que denomina como dimensões temporais. Uma delas se refere ao plano de *atualidade*; assim, opõe o nível atual, representado pelo *presente* (onde os acontecimentos se situam em relação ao ato de fala), ao inatual, cujo centro é o *imperfeito*.

A outra dimensão temporal se refere à *perspectiva*. Neste caso, é *perspectiva* toda dimensão que serve para situar direta ou indiretamente um acontecimento em relação a um ponto de referência, que no plano atual é o momento da fala e no plano inatual, o momento de que se fala. As perspectivas são, nas línguas românicas, *simultâneas* (se o acontecimento se situa no presente ou no imperfeito), *prospectivas* e *retrospectivas*, quando os acontecimentos se situam, respectivamente, depois e antes dos momentos presente ou imperfeito.

Na representação feita por E. Coseriu (1980:20), ele diz que a primeira perspectiva opõe o presente, o passado e o futuro, determinando espaços temporais, o do *presente*, que é não limitado e engloba o passado e o futuro, e estes últimos, limitados cada qual de um lado. No plano inatual, o imperfeito ocupa a mesma posição do *presente*.

A segunda perspectiva vai funcionar no interior desses espaços temporais. Em língua francesa, a forma verbal do *présent de l'indicatif* designa o espaço temporal do

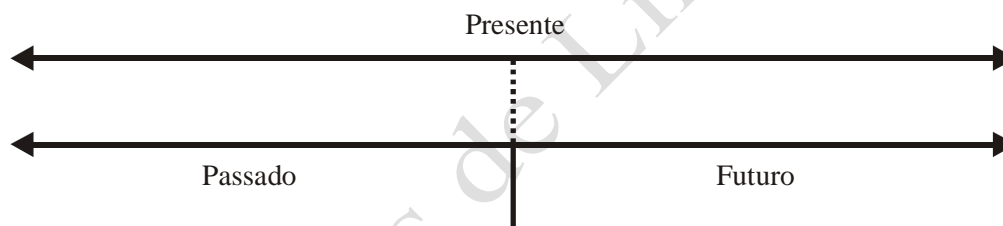


Fig. 2 – A perspectiva da dimensão temporal segundo E. Coseriu

presente, opondo no interior deste presente atual as formas verbais do *passé composé* e do *futur proche*. A forma verbal do *imparfait* se reporta ao espaço temporal do *imperfeito*, opondo no interior do plano inatual as formas verbais do *plus-que-parfait* e aquelas que expressam a condição.

G. Rojo (1990:17-43) emprega os conceitos de anterioridade, simultaneidade e posterioridade como constitutivos das relações temporais possíveis, quando se adota a perspectiva da temporalidade. Desta forma, uma situação pode se apresentar como anterior, simultânea ou posterior ao ponto que corresponde à sua referência. Ele retoma o que já foi dito anteriormente sobre o ponto central do eixo de temporalidade ser a

origem, o ponto zero. Este coincide, em geral, com o momento da enunciação que é o *agora*. Porém, o falante pode deslocar a referência em qualquer uma das direções possíveis, isto é, situá-la no *não-agora*, que corresponde à anterioridade e à posterioridade relativas ao *presente*, no eixo de temporalidade.

Os termos anterioridade, simultaneidade e posterioridade não significam o mesmo que passado, presente ou futuro, diz G. Rojo. Para ele, estes últimos não permitem refletir todas as relações temporais que podem ser expressadas pelas formas verbais.

A representação primária da temporalidade, ou seja, aquela que se refere diretamente à origem é, segundo G. Rojo (1990:26):

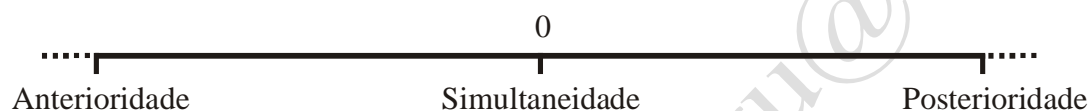


Fig. 3 – O eixo da temporalidade segundo G. Rojo

Contemporâneo aos estudos de G. Rojo e na perspectiva da temporalidade, A. López García (1990 :107-175) diz que analisar o tempo na linguagem em relação ao mundo que ela busca refletir é o campo de estudos específicos da temporalidade e da atualidade. As abordagens da noção de tempo, segundo as gramáticas tradicionais, não têm sido suficientes para dar conta das possibilidades significativas que se apresentam no discurso.

López García (1990 :107-175) diz que a temporalidade localiza a situação em um eixo temporal em relação à origem, que, como foi mostrado acima, corresponde ao *agora* que é também o *presente*. Esta relação se faz de forma direta ou indireta. Quanto ao plano de atualidade ou atitude temporal, os fatos são considerados a partir das preocupações do falante. Assim, a concepção de tempo passa a ser filtrada pela subjetividade do sujeito que fala. Serão atuais as formas verbais pertinentes ao momento da fala – *o agora*. As formas verbais inatuais são aquelas que pertencem ao mundo do dito – *o então* –, nas quais o grau de dependência em relação ao sujeito é indireto.

C. Veters (1993 :85-113), ao analisar a noção de tempo, considerando os níveis frásico e textual, diz que a lingüística francesa, desde o século XVII, divide os tempos verbais

em duas séries, onde por um lado se encontram os tempos *absolutos* e por outro os tempos *relativos*. Estas denominações são, posteriormente, substituídas por tempos *dêiticos* e *anafóricos*, respectivamente. Segundo ele, as definições dadas inicialmente aos dois termos não perderam a sua atualidade, isto é, quando o tempo do acontecimento está diretamente relacionado ao momento da enunciação, o tempo é *absoluto* ou *dêitico*; quando o fato mantém relação, neste caso indireta, com o instante da fala e também com o tempo de outro acontecimento, trata-se do tempo *relativo* ou *anafórico*. Na sua proposta, C. Veters não fala de tempos, mas de *temporalidade absoluta* e de *temporalidade relativa*. A oposição entre ambas torna-se interessante para determinar quais tipos de intervalos temporais são operatórios na construção da referência temporal de uma frase ou de um texto.

Partindo destas considerações teóricas que permitem refletir em uma nova perspectiva sobre a questão do tempo, retoma-se a questão inicial da função das formas verbais no discurso dos roteiros da Carreira da Índia em *Le grand routier de mer*. Adota-se para a análise destas marcas dêiticas que são recorrentes no discurso analisado as noções de temporalidade e a de plano de atualidade ou atitude temporal, tal como é apresentada na teoria de H. Weinrich (1968).

3. As formas verbais nos roteiros da *Carreira da Índia*

O primeiro passo para a investigação da função das formas verbais encontradas no discurso dos cinco roteiros franceses selecionados em *Le grand routier de mer* foi o levantamento do número de ocorrências dessas formas. Este registro resultou na tabela a seguir:

Tab. 1 - Registro e índice percentual das formas verbais no discurso dos textos de *Le Grand routier de mer*

Formas Verbais		Présent de l'indicatif		Futur Simple		Présent de l'impératif		Passé Composé		Futur Proche		Futur Antérieur	
nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
375	100	223	59,5	76	20,3	63	16,8	11	2,9	1	0,3	1	0,3

De acordo com a teoria de H. Weinrich (1968), as formas verbais se combinam formando grupos temporais que atendem às necessidades do falante, o que significa muitas vezes ultrapassar o limite combinatório estabelecido em estudos tradicionais destas formas. Tomando como base sua teoria, afirma-se que as formas verbais levantadas pertencem ao grupo referente ao discurso ou às narrativas do mundo comentado, cujo plano de atualidade é o do *eu-aqui-agora*.

As formas verbais com função comentadora foram empregadas pelo sujeito J. H. van Linschoten em situações características dos roteiros de navegação, a saber, indicação das rotas e descrições dos locais e sinais encontrados. J.H. van Linschoten narra o percurso de Portugal para a Índia, assim como o retorno das expedições exploratórias, comentando detalhadamente cada etapa da viagem e advertindo sobre os perigos que poderiam ser encontrados. Seguem amostras das formas verbais encontradas em maior número: présent de l'indicatif, futur simple, présent de l'impératif e passé composé :

3.1 Présent de l'indicatif

On *trouve* aussi autour des dites Isles de Tristan da Cunha & du Cap de Bonne Esperance certains loups de mer: mais vous trouvant en ceste contree là sur la fin de Iuin, il *peut* bien advenir que vous n'y en voyez point, a cause de la froidure qui les *fait* retirer au dessous du pays¹ (DA, CVI, p. 4, L. 51- 3; p. 5, L. 1-2).

A mesure que vous *poursuivez* votre route ces Sargasso & Trombas *viennent* a diminuer: dequoy vous ne *devez* pas estre en peine: car ces herbages & bourgeons *procedent* de esmotion de mer en ceste contree là, de sorte que plus le temps *est* rude sur les dites Isles, plus la mer *rend* de telles choses, qui avec le vent & les vagues venans de là, *sont* poussees vers le Cap de bonne Esperance.² (DA, CVI, p. 4, L. 28-33).

¹ O texto de Diogo Afonso traz: “Açharas das Ilhas de Tristão da Cunha pera o Cabo de Boa Esperança lobos marinhos de quando em quando. E se viêres por aqui na fim de Junho, pöde ser que não veras nenhu, por quanto se açõlhẽ dos frios pera a terra. (Telles, 1988, vol I, p. 99, L.5-8)

² O texto de Diogo Afonso traz: [...] açharas nesta derrota pera o Cabo de Boa Esperança sargasso mesturado cõ algũas trombas: estas ramudas e não são compridas como as do Cabo de Boa Esperança. E de hũ e d'outro açharas às vezes m(ui)to, em outros tempos açharas menos. Não te espãtes por isso, a causa disto não ẽ senão: quanto mais tromẽta nas Ilhas, quanto mais se arrancam e botam isto cõ águas e ventos que vem de çima das Ilhas pera o Cabo de Boa Esperança. (Telles, 1988, vol I, RNPI, 97, L. 6-11; p. 98, L. 1-6).

A forma verbal do *présent de l'indicatif* (59,5%) foi registrada em maior número nos roteiros de *Le Grand routier de mer* (Linschot, 1916), confirmando aquilo que é dito na teoria de H. Weinrich (1968:71-5) sobre esta forma verbal ser a mais empregada e a principal das narrativas do mundo comentado. Nesta perspectiva teórica, o *présent de l'indicatif* é uma forma verbal neutra, o que significa que ela pode designar todas as fases temporais: anterioridade, simultaneidade e posterioridade.

Nas amostras apresentadas e na maioria das situações analisadas o *présent de l'indicatif* tem a marca de posterioridade ou prospecção, J. H. van Linschoten traduz os roteiros portugueses da Carreira da Índia em *Le grand routier de mer*, em 1610, ao qual acrescenta as suas experiências por ter morado na Índia ao longo de dez anos a serviço do Arcebispo de Goa, Dom Vicente da Fonseca. Nestes roteiros, ele orienta sobre as rotas a serem seguidas e sobre os sinais e perigos que poderão ser encontrados ao longo do percurso pelos exploradores nas futuras expedições marítimas para as Índias Orientais.

3.2 Futur Simple

Allant de Monte Delin en Portugal, en dehors de l'Isle de S. Laurent vous vous mettez NordEst & SudOuest à l'endroit de la dite montagne, dressant vostre cours à l'Est, & Est quart au Sud: ce faisant vous *viendrez* pres d'une Isle qui git la hauteur de dix degrez & demi, açavoir a cinquante lieues de la dite montagne: lors vous *prendrez* la route du SudOuest, & SudOuest tirant sur l'Ouest, & *viendrez* a vingtcinq lieues de la dite Isle, la hauteur de neuf degrez et trois quarts, vous gardant de ne point tenir vostre cours de costé du Sud vers les Isles de Maldive: a demi lieue de là il y a beau fonds & bonne tenue³(DA, NMD, p. 17, L. 33-41).

Pour cognoistre si vous estes pres des dites Isles, vous *aurez* ces signes, açavoir certains oiseaux volans ensemble cinq a cinq: & de la

³ O texto de Diogo Afonso traz: “Partindo de Monte de Li p̄ra Portugal, p̄ra f̄ora da Ilha de São L(ou)r(en)ço, pondo-te nordeste sudueste cõ Monte de Li, <h>as de governar aloeste e a quarta do sudueste. Iras dar em hũa ilha q(ue) esta em dez grãos e meio, e deãa ao Monte de Li há 50 l̄goas. E d'ay <h>as de fazer o caminho ao sudueste e a quarta d'aloeste, e veras deãta ilha às outras mais do mar vinte e cinco l̄goas: Estão na altura de 9 graos e três quartos[...]” (Telles, 1988, vol I, VIP, 115, L. 4-5; p. 116. L.1-6).

plus outre vous *verrez* d'autres oiseaux nommez Feignons par les Portugais, & iceux tachetez de marques blanches & noires. Estant Sud & Nord à l'endroit de ces Isles vous *verrez* flotter sur l'eau certaine espece d'herbe appelle par les Portugais Sargasso, semblable a peu pres à celle qui se trouve pres de Wieringhen en Hollande⁴ (DA, CVI, p. 4, L. 16-22).

Nos exemplos acima, as formas do *futur simple* (20,3%) que se apresentam com o segundo maior número de registros são empregadas alternadamente com as formas prospectivas do *présent de l'indicatif*:

3.3 Présent de l'impératif

Et si estant en ceste hauteur, vous desirez avoir la veue du pays, ne vous *tournez* point de l'autre costé, *mouillez* hardiment l'ancre iusques a ce que le vent se renforce pour poursuivre vostre voyage. *Sachez* aussi que les courans du costé du Bresil, Cap de Saint Augustin, & ceste contree, ont leur cours vers les Antilles qui sont Isles devant la nouvelle Espagne: pourtant ie vous conseilleroy pour le mieux de ne point aller de lof: car ce faisant il vous faudroit sans doute retourner en Portugal⁵ (DA, CVI, p. 3, L. 45-6 - p. 4, L. 1-6).

Et pour tenir le costé de mer de l'Isle de Brandaon, vous pouvez prendre vostre cours entre les Isles dos yrmaos qui gisent a quatre degrez au Sud, & dela vous pouvez ordonner vostre cours vers les Isles de Pedro Mascarenas, poursuivant ainsi vostre chemin. Alors vous surviennent estant a quatre degrez au Sud, beaucoup de tonnerres, esclairs, & fortes pluyes, iusques a quatorze degrez: cela se void ordinairement en feburier, comme *ie* l'ay experimenté. Pourtant *faites* tousiours vostre mieux de parvenir a quatorze ou quinze degrez, car ordinairement vous trouverez a quinze ou seize degrez des vents de SudEst: & lors *ne singlez pas* plus avant en mer, mais *dressez*

⁴ O texto de Diogo Afonso traz: “Pera saberse se estas perto das Ilhas, quando açares os entenais de çinco em çinco, eç cõ elas. E d’aqui te seguirão os feijões, q(ue) são hũas aves pequenas da feição de pegas pintadas. E quando estiveres nõ rte sul cõ elas, açaras sargaço” (Telles, 1988, vol I, RNPI, 97, L. 1-5).

⁵ O texto de Diogo Afonso traz: “Se for caso q(ue) te aqueçer q(ue) fores ver a terra nesta altura, não te faças noutra vólta. Surge aqui cõ a nao, q(ue) os ventos te alargarão a fazeres o teu caminho. Mas <h>as de saber q(ue) nesta travessa do Cabo de Santo Agustinho pera o Brasil, corrẽ as aguas pera as Antilhas. E, portanto, não cures de fazer vólta, porq(ue) se a fizeres será tornares caminho de Portugal” (Telles, 1988, vol I, p. 95, L. 7-12; p.96, L. 1).

vostre cours entre l'Isle de Brandaon, & celle de Lopo Soares qui est un bon cours (DA, CICBE, p. 16, L. 17-28).⁶

O *présent de l'impératif* é empregado nas situações de informação, orientação sobre as rotas e advertências. Nestas últimas, esta forma verbal expressa uma obrigação.

Apesar de H. Weinrich (1968:347-363) não incluir o *présent de l'impératif* no grupo de formas verbais relativas à narrativa do mundo comentado, ele diz que esta forma é aparentada estruturalmente com as formas verbais comentadoras na língua francesa. Nos exemplos apresentados foram verificadas ocorrências do *présent de l'impératif*, também com valores de prospecção, alternando com as formas verbais do *présent de l'indicatif* e do *futur simple*.

3.4. Passé Composé

S'il vous advenoit que vous vous trouvissez environ le dixiesme de May peu plus ou moins en la contree des dites Isles de Tristan da Cunha, vous ne passerez point au dessus de trentecinq degrez, à l'occasion des vents de Ouest qui en ce temps la sont forts vehemens & impetueux, notamment au temps de la nouvelle Lune: ce qui vous pourroit bien faire rebrousser chemin, comme il advint au Navire de Bon Iesus, qui fut engloti des vagues par la force et furie du vent, comme moy aussi *ay veu* advenir le mesme a Diego Alfonso, estant sur le Navire de S. Claire⁷ (DA, CVI, p. 5, L. 3-10).

[...] ayant passe le Cap de Palmas, allant de lof faites de courtes traites, asçavoir sous la ligne, ou du costé deça, afin que les courans ne vous entraînent point en dedans ledit Cap: & avalez tous vos voiles plustost qu'en venir là, car vous ne pouvez point garantir, ni faire le voyage des Indes. Je vous *ay déclaré* ci dessus ce que vous ferez

⁶ O texto de Diogo Afonso traz: Sendo caso q(ue) te açhes nestes quatro gr(aos) da linha e saltarem contigo travoadas porq(ue) as <h>a i em Fivireiro, q(ue) eu andey todo este mes cõ çlas atç quatorze graos. Trabalha de te pores em altura, e como fores nela, por 15 graos ou 16, açharas os ventos suestes. Não cures de * te ir mais ao mar. Vay de longo da I(lh)a a Brandoa ou antre ela e baxos de Lopo Soarez: e ao sul dela e bom caminho (TELLES, 1988. L.1-7).

⁷ O texto de Diogo Afonso traz: “Se for caso q(ue) te açhes a deç dias de Maio, pouco mais ou menos, cõ çestas Ilhas de Tristão da Cunha, não passes de trinta e çinco graos pçra çima, por qoanto entram aqui os ponentes em Maio, e trazẽ grande força. E mais se for sobre lũa nõva, porq(ue) te não aqueça o q(ue) aqueço ao Bom Jesu<s>, q(ue) o comeo o mar e o tempo” (DA, cap . [I], L. 78-83).

estant centcinquante lieues sous la Ligne: alors vous singlerez le travers d'icelle pour passer le Bresil: car suivant le cours sus déclaré vous ne pouvez faillir de le passer ⁸(DA, CVI, p. 3, L.33-9).

Para H. Weinrich (1968:104), a linguagem conhece dois tipos de passado, aquele que afeta diretamente o locutor na situação comunicativa e aquele que se distancia deste através do filtro da narração. Segundo ele, é possível comentar o passado. Por este motivo, muitas línguas, como a francesa, preveem uma forma verbal própria para esta finalidade que é o *passé composé*. O passado comentado é aquele que está próximo ao locutor, se constituindo como o seu passado, uma porção da sua existência.

O *passé composé* da língua francesa é a forma verbal que apresenta o valor retrospectivo do mundo comentado. Segundo H. Weinrich (1968 :126), ele é um presente retrospectivo que relaciona um fato passado ao presente da enunciação. Ao se comentar o passado, não se deve, necessariamente, considerar o fato como concluído. H. Weinrich diz, então, que o processo expressado por esta forma verbal pode alcançar o momento presente, tudo depende da atividade do sujeito.

Nas amostras são encontradas ocorrências desta forma verbal, atestadas em situações em que o locutor busca na sua memória fatos vistos ou conhecidos que poderiam servir como advertência aos seus alocutores. No eixo da temporalidade, estes fatos são retrospectivos em relação ao *agora* que, como já foi assinalado, é a referência temporal da narrativa do mundo comentado.

4. Considerações finais

Fez-se a análise do discurso francês dos Roteiros de Diogo Afonso, traduzidos por J. H. van Linschoten, em *Le grand routier de mer* (1610). Foram registradas e analisadas as formas verbais características destes roteiros. A noção de tempo, restrita a divisões cronológicas de passado, presente e futuro, pôde ser substituída pelo conceito de

⁸ O texto de Diogo Afonso traz: “Do Cabo das Palmas, pouco maes ou menos, faz as vøltas curtas, pera te não botarẽ as águas pera dentro do Cabo das Palmas, por te não ser bom” (Telles, 1988, vol I, p. 94, L. 9-11).

temporalidade, cuja premissa fundamental é apresentar as situações comunicativas em relação ao *agora* que é o *présente da instância da fala*, atemporal por natureza. A teoria de H. Weinrich apresentou as diretrizes para as análises das funções das formas verbais no discurso dos roteiros, enquanto operadores que expressam as atitudes do falante. As formas verbais encontradas em maior número nos roteiros, a saber, o *présent de l'indicatif*, o *futur simple*, o *présent d'impératif* e o *passé composé* confirmaram a classificação de H. Weinrich, segundo a qual estas formas verbais designam as narrativas do mundo comentado, cujo eixo de ação é o *eu-aqui-agora*.

Quanto à afirmativa de H. Weinrich de a forma verbal do *présent de l'indicatif* ser a principal do grupo temporal comentador, as análises reiteram o que é dito, através dos índices percentuais. Sobre o *présent de l'indicatif* ser neutro, o que significa poder apresentar, além do valor de simultaneidade, aqueles de prospecção e de retrospecção, nos roteiros, as formas verbais do *présent de l'indicatif* apresentam-se como prospectivas em relação ao *agora*, ao *présente enunciativo*, nas situações mais características como orientações de rotas e informações sobre os locais e sinais que serão encontrados. Esta forma verbal vai alternar, nos mesmos contextos, com o *futur simple*.

Sobre o *présent de l'impératif*, este apresenta o terceiro maior índice de ocorrências, em situações como orientações de rotas, informações e advertências. No último caso, ele indica a obrigatoriedade da ação do alocutor.

Em H. Weinrich, não é reconhecida a marca de prospecção no *présent de l'impératif*, porém, nas situações de orientações e advertências, este valor é evidenciado. Nos exemplos citados o *présent de l'impératif* apresentou-se, registrando alternância de uso com o *présent de l'indicatif* e o *futur simple*.

As definições da forma verbal do *passé composé* propostas por H. Weinrich são igualmente pertinentes para as análises realizadas. O *passé composé* tem a função comentadora, designa um passado comentado, que possui estreita relação com o presente. Ele expressa o momento de retorno à memória pelo locutor, objetivando informar ou advertir. Esta forma verbal não necessariamente exprime um fato concluído; ela indica um processo, tudo depende, com afirma H. Weinrich, da intenção do sujeito. Nas amostras, as formas do *passé composé* expressam a busca de

informações e lembranças na memória por J. H. van Linschoten, com o objetivo de advertir os mareantes.

5. Referências

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995. v.1.

COSERIU, Eugenio. Aspect verbal ou aspects verbaux ? Quelques questions de théorie et de méthode. In: DAVID, Jean; MARTIN, Robert (org). *La notion d' aspect*. Metz: Centre d'Analyse Syntaxique, 1980. p. 13-25.

COSTA, A Fontoura. *A marinharia dos descobrimentos*. 3 ed. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1960.

GUILLAUME, Gustave. *Temps et verbe; théorie des aspects, des modes et des temps*. Paris: Honoré Champion, 1970.

LINSCHOT, Iean Hvgves de. *Le grand routier de mer*. Nouv. trad. De flameng en François. In: Id. *Histoire de la navigation au Indes Orientales; contenant diverses description des lieux iusques à présent découverts par le portugais....* 2. éd. agm. Amsterdam: Chez Evertsz Cloppenburch, 1619.

LINSCOTANI, Johannis Hvgonis. *Navigatio ac itinerarivm...* Hagae Comitit: Ex officina Alberti Henrici, 1599.

LÓPEZ GARCÍA, Ángel. La interpretación metalingüística de los tiempos, modos e aspectos del verbo español: ensayo de fundamentación. In: BOSQUE, Ignacio et al. (org.). *Tiempo y aspecto en español*. Madrid: Catedra, 1990. p. 107-175.

MOLHO, Mauricio. *Sistemática del verbo español; aspectos, modos e tiempos*. Madrid: Gredos, 1975.

ROJO, Guillermo. Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español. In: BOSQUE, Ignacio et al. (org.). *Tiempo y aspecto en español*. Madrid: Catedra, 1990. p 17-43.

TELLES, Célia Marques. *As Categorias de “modo”, “tempo” e “aspecto” em textos românicos do século XVI*. Salvador : UFBA/PGL, 1982. Dissert. orient. por Nilton Vasco da Gama.

TELLES, Célia Marques. *Coleção de roteiros portugueses da “Carreira da Índia” no século XVI*; edição do manuscrito FP56 da BNP. São Paulo: USP, 1988. Tese orient. por Edith Pimentel Pinto.

TELLES, Célia Marques. Considerações sobre uma tradução francesa de textos quinhentistas portugueses: O “Le Grand routier de mer” de J. H. van Linschoten. In: MILTON, John et al. (edit.). *Encontro Nacional de Tradutores*, 5; anais. São Paulo: Humanitas, 1996. p. 55-6.

TELLES, Célia Marques. O Discurso na literatura de viagens. In: TERRAS & GENTES; Congresso da ABRALIC, 7; anais. Salvador: ABRALIC, 2004. p. 5-6.

TELLES, Célia Marques. A Relação autor-destinatário no discurso dos roteiros de navegação. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 1; anais. João Pessoa: Idéia, 1997. v. 2. p. 377-385.

TELLES, Célia Marques. O italiano nos textos da literatura de viagens. In: CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES DE ITALIANO, 9; anais. Salvador: UFBA, 2001 (no prelo).

TELLES, Célia Marques. A categoria de tempo no discurso dos “Roteiros de Navegação”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 1, Salvador: ABRALIN, 1994. disq. 7, comun11.doc.

VETTERS, Carl. Temps et deixis. In: id. (org.). *Le Temps; de la phrase au texte*. Lille: Presses Universitaires, 1993. p. 85-113.

ABREVIATURAS

- CICBE Cours de la Navigation des Indes au Cap de Bonne Esperance, signé par un Linschot 1610: 16-17
autre Pilote Portugis. [sic]
- CVI Cours du voyage des Indes, appointé par Diego Alfonso, Portugais Pilote du Linschot 1610: 3-6
Roy
- DA Diogo Afonso. Linschot 1610: 13-16
- NMD Navigation de Monte Delin montagne celebre en la coste de Malabar, en Linschot 1610:17-19
Portugal